

CIRCULAR SOBRE A AVALIAÇÃO DA GREVE GERAL DE 20 DE AGOSTO

1- Com a decretação do Plano Bresser, aprofundou-se ainda mais o descon tentamento popular e a descrença em relação à "Nova República", ao governo e à qualquer mudança que alterasse a situação de vida do povo. O Plano Bresser pôs em movimento uma conjuntura de recessão e arrocho, aprofundando ainda mais a crise econômica, que tem por pano de fundo a crise política e institucional do país. Levando-se em conta o descontenta mento generalizado da população em relação ao governo e a necessidade das forças políticas de esquerda e do próprio movimento de reagirem ante a crise política, institucional e econômica, foi correta a proposta de convocação da greve geral para aquela conjuntura, pois existia um potencial para que ela se desenvolvesse.

2- No entanto, erros foram cometidos. Erros de encaminhamento, organizativos e políticos. O primeiro erro foi quanto à forma de definição da data, que além de causar confusão no movimento, provocou desgaste na proposta de greve e desconfiança nas direções do movimento. Ora, se a CUT pretendia a convocação de uma greve geral unitária, e era isto o que estava posto como necessidade, ela não podia marcar a data da greve unilateralmente como inicialmente foi feito. A direção da CUT deveria ter procurado envolver todo o movimento, desde a CGT, partidos, movimento popular, etc, no sentido de discutir a greve geral e defini-la unitariamente. Caso este objetivo não fosse alcançado, só então a CUT poderia tomar medidas necessárias indicadas pela situação política e pelas circunstâncias. A marcação unilateral da data pela CUT provocou uma sucessiva mudança de datas com o conseqüente desgaste. Pela importância política que uma greve geral tem no Brasil, a questão principal não é colocar a direção da CGT numa situação embaraçosa, mas garantir a unidade de ação do movimento e a efetividade da greve.

3- O segundo erro foi quanto a preparação organizativa da greve. Tendo presente as dificuldades históricas que os trabalhadores enfrentam em nosso país na realização de uma greve geral; dificuldades que passam pelo atrelamento da estrutura sindical ao Estado, pelos longos anos de dominação militar e a própria reação militar e policial contra os movimentos grevistas, pela despolitização e o débil acúmulo organizativo do movimento, etc, torna-se necessário ter consciência de que uma greve geral para ter sucesso no Brasil implica envolver ativamente a totalidade dos movimentos sociais e políticos comprometidos com os trabalhadores na sua convocação e preparação. Na preparação da greve geral do dia 20 de

agosto, não buscou-se envolver e comprometer o movimento popular, os partidos políticos, o movimento estudantil, o movimento democrático, etc. Além de buscar este comprometimento político e orgânico era necessário organizar milhares de comitês e comandos de greve unitários e abertos onde a militância encontrasse ^{V.M. CANAL} de atividade e participação.

O volume de atividade de convocação da greve do dia 20 foi muito pequeno, para não dizer insignificante. E, ao contrário do que muitos setores pensam, uma atividade intensa de agitação, propaganda e organização imediatamente após a definição da data da greve, é decisiva para o seu sucesso. Uma greve geral, para ser convocada, deve ter-se em conta a existência de uma conjuntura que contenha o potencial de sua realização. Mas este potencial não se realiza por si mesmo ou por simples anúncio pela imprensa de que a greve está convocada. Ao se convocar uma greve geral, é necessário ter consciência de que antes do dia de sua realização, será travada uma batalha muito mais decisiva para decidir para que lado se definem o movimento e as consciências. É necessário lutar para ganhar a vontade subjetiva das massas. Nesta batalha, onde intervem o governo, o patronato, os partidos da ordem, os pelegos, os sabotadores, etc, o lado contrário à greve conta com os poderosos meios de comunicação de massas para enganar e confundir. Na greve do dia 20, o governo e o patronato, ajudados por Médeiros, Magri, PCB e algumas lideranças sindicais do campo do PT e da CUT, vieram à luta para combater a greve. Em contrapartida, as forças que a defendiam, vascularam e desenvolveram uma atividade insignificante junto ao movimento de massas no sentido de defini-lo e ganhá-lo subjetivamente para a greve. Numa conjuntura onde existe um potencial de greve geral o sucesso desta greve não depende fundamentalmente do dia de sua realização, mas essencialmente desta batalha anterior que define ou não a adesão do movimento.

4- O terceiro erro foi de ordem política. O fundamento deste erro consiste na separação da luta econômica e da luta política. Pelo próprio fato da proposta de greve não ter envolvido a amplitude dos movimentos sociais e os partidos políticos, demonstra que as centrais sindicais imprimiram-lhe um caráter estreito, acanhado e economicista. A greve geral deveria articular as reivindicações econômicas e políticas mais sentidas pelo povo e pelos trabalhadores numa plataforma única e sintética e as centrais, os sindicatos e os partidos deveriam esclarecer a significação da greve de forma clara e não deixar dúvidas junto ao movimento. Uma greve geral no Brasil, pelo menos a médio prazo, deve ter o caráter

de protesto político contra o governo e contra os patrões; protesto que se articula e se explicita através das reivindicações fundamentais do movimento numa conjuntura determinada. A politização da greve, com a definição dos seus objetivos e da sua significação para o movimento, tornou-se uma determinação necessária para que o próprio movimento se ponha em movimento e para que a proposta adquira adesão popular. Na conjuntura da greve do dia 20, em que pese o descontentamento em relação ao governo, este descontentamento se expressava num ceticismo muito grande que inclusive era necessário combater através de um enorme volume de atividade politizadora. O pressuposto desta atividade politizadora implicava que o próprio movimento sindical estivesse engajado na campanha das diretas-já e pelo fim do governo Sarney e nas disputas político-institucionais da constituinte. A perspectiva economicista e corporativista do movimento sindical e a própria falta de alternativas e projetos políticos globais por parte dos partidos comprometidos com a luta dos trabalhadores foram fatores que contribuíram pela manutenção de ceticismo no movimento e pela sua despolitização.

5- Como conclusão e resultado, cabe afirmar que a greve geral foi uma derrota para o movimento. Reconhecer a derrota da greve, no entanto, não implica concluir que sua convocação foi equivocada argumentando que ela não se colocava naquela conjuntura. Concluir uma coisa pela outra, significaria adotar uma lógica simplista que desconhece a dialética complexa da própria ação que sofre determinações das circunstâncias, da subjetividade e das forças sociais em luta. Se a luta política se definisse pela lógica simples da "premissa contida no resultado e vice-versa", se quer o sujeito seria capaz de modificar a realidade, já que a história seria um suceder mecânico e melancólico de premissas e resultados. A greve geral estava posta como uma potencialidade objetiva naquela conjuntura e como uma necessidade de luta das forças políticas conscientes. Nem a potencialidade e nem a necessidade são determinações que se realizam sem a firmeza do sujeito político, e sem a intensidade da atividade subjetiva e consciente. É necessário reconhecer também que a greve do dia 20, apesar de sua derrota, foi um momento de luta, de enfrentamentos, foi um momento de resistência e de atividade daqueles que, mesmo céticos, não se vergaram ao ceticismo.

Por isto, a derrota da greve geral do dia 20 nos remete para a necessidade de uma avaliação mais profunda acerca de uma série de questões tais como: a relação entre a conjuntura e o caráter da greve geral; is-

to é, em que conjuntura a greve geral ou é de protesto político ou é por tempo indeterminado pelo atendimento imediato de reivindicações ou é uma greve geral insurrecional; qual o processo de construção da greve geral no Brasil: ela pressupõe um acúmulo anterior de forças e organização ou ela se constrói através das próprias experiências das lutas necessárias e das tentativas de sua realização; a relação entre a politização do movimento e da greve geral com a necessidade da existência de uma forte vanguarda com consciência socialista e com quadros de direção capazes e altamente preparados; a relação entre o caráter da greve com o caráter da direção do movimento e da própria greve; a significação das centrais sindicais e dos sindicatos no capitalismo brasileiro. Em suma, são uma série de questões com implicações táticas e estratégicas que se articulam em torno do problema da greve geral, sem a compreensão das quais, uma intervenção eficaz neste tipo de movimento encontrará sempre a limitação do empirismo e a confusão dos equívocos. A compreensão destas questões é necessária tanto no Partido como no movimento.

C.E.

Out. 87